

Jornal do Engenheiro Agrônomo

ANO 43, Julho/Agosto de 2014, nº 278

Impresso fechado pode ser aberto pela ECT



Capa

Arborização urbana - campo aberto para especialistas

Pág 06

Entrevista

Harry Lorenzani, ele fundou e dirige o único herbário privado do Brasil

Pág 10



Associação de
Engenheiros Agrônomos
do Estado de São Paulo
<http://www.aeasp.org.br>

Filiada a Confederação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil

Presidente Angelo Petto Neto

angelo.petto.neto@gmail.com

1º vice José Antonio Piedade

japiedade@ig.com.br | piedade@cati.sp.gov.br

2º vice Henrique Mazotini

henrique.mazotini@andav.com.br

1º secretário Ana Meire Coelho Figueiredo

anikka@lexxa.com.br

2º secretário Andrea Cristiane Sanches

andrea_sanches@uol.com.br

1º tesoureiro Tulio Teixeira de Oliveira

aenda@aenda.org.br

2º tesoureiro Celso Roberto Panzani

celso@cati.sp.gov.br

Diretor André Amosti

andre_amosi@hotmail.com

Diretora Francisca Ramos de Queiroz

nfr_queiroz@hotmail.com

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez

glauco.cortez@uol.com.br

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho

ricardoviegas@terra.com.br

Diretor Nelson de Oliveira Matheus Júnior

nmatheus2@uol.com.br

Diretor Pedro Shiguero Katayama

pedrokatayama@bol.com.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Alexandre Vieira Abbud, Arlei Arnaldo Madeira, Cristiano Walter Simon, Francisco Frederico Sparenberg Oliveira, Francisco José Burlamaqui Faraco, Guilherme Luiz Guimarães, João Sereno Lammel, José Eduardo Abramides Testa, José Luis Sussumu Sasaki, José Otávio Machado Menten, José Paulo Saes, Luiz Antonio Pinazza, Mário Ribeiro Duarte, Taís Tostes Graziano, Valdemar Antonio Demétrio

CONSELHO FISCAL:

Celso Luis Rodrigues Vegro, Luis Alberto Bourreau, Luiz Henrique Carvalho.

Suplentes: André Luis Sanches, Cássio Roberto de Oliveira, Renê de Paula Posso



Órgão de divulgação da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo

Conselho Editorial

Ana Meire C. Figueiredo, Angelo Petto Neto, Celso Roberto Panzani, Henrique Mazotini, José Antonio Piedade

Coordenação

Nelson de Oliveira Matheus
Tulio Teixeira de Oliveira

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Secretária: Alessandra Copque

Produção: Acerta Comunicação

Diagramação e Ilustração: Janaina Cavalcanti

Representante Comercial: Rodrigo Martelletti

Redação: Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 / Fax (11) 3221-6930

redacaojea@aeasp.org.br / aeasp@aeasp.org.br

Envie mensagens com sugestões e críticas para a editora: adriana@certacomunica.com.br

Os artigos assinados não refletem a opinião da AEASP. Permitida a reprodução com citação da fonte.

EDITORIAL

Como primeiro destaque cito que o processo de escolha dos profissionais que serão homenageados na Cerimônia "Deusa Ceres" de 2015, já se iniciou. Está disponível no site da AEASP, o regulamento que disciplina o assunto. As indicações, acompanhadas de um currículo, deverão estar na nossa sede até as 17 horas do dia



01/09/14. Na reunião conjunta de Diretoria e Conselho Deliberativo do dia 09 de setembro, estaremos elegendo o Engenheiro Agrônomo de 2014 e os colegas homenageados com a Medalha Fernando Costa.

Destacamos também a oportunidade de planejarmos nossa participação no VI Congresso Mundial de Agronomia, que acontecerá durante a Expo 2015 em setembro, na cidade de Milão, Itália.

A matéria de capa, referente à arborização urbana, aborda o importante segmento, extremamente ligado aos engenheiros agrônomos. Este mercado de trabalho, que exige conhecimento de legislação ambiental e de manejo arbóreo no âmbito urbano, se reveste de grande importância, uma vez que interfere de maneira significativa na qualidade de vida das cidades. É sem dúvida alguma um campo promissor, com grandes oportunidades para nossa classe.

Este mês, por força da legislação eleitoral, não traremos a seção "Município em Foco". A matéria que tem o objetivo de distinguir os colegas que atuam nas prefeituras continuará tão logo termine o processo eleitoral.

A entrevista com o eng. agrônomo Harri Lorenzi nos proporciona conhecer até onde a determinação de implementar um projeto, visceralmente ligado às nossas atividades, redundará em um serviço fantástico, prestado à sociedade nacional e mundial. Tem amplo significado na preservação histórica e ambiental da biodiversidade.

O evento da Coplacana, com a participação majoritária de palestrantes engenheiros agrônomos sobejamente conhecidos, foi um sucesso. Ao abordar a situação brasileira do agronegócio, com ênfase no setor sucroenergético, conseguiu demonstrar o panorama atual e projetar o futuro. As Instituições deveriam promover outros encontros como esse, permitindo à sociedade ter conhecimento mais abalizado da área e atestar largamente o valor da classe agrônoma para a sustentabilidade do planeta.

Boa Leitura!

Eng. Agrônomo Angelo Petto Neto



Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 Fax (11) 3221-6930

Site: www.aeasp.org.br

redacaojea@aeasp.org.br / aeasp@aeasp.org.br

Vida longa

Aos 99 anos, esbanjando lucidez, o engenheiro agrônomo Carlos Alves de Seixas compareceu a sede do CREA-SP para receber uma homenagem da entidade aos profissionais que alcançaram oito décadas de vida, assim como o Conselho que comemora seus 80 anos este ano. Os homenageados foram escolhidos em função de sua contribuição, ao longo da carreira, para o desenvolvimento tecnológico do Estado de São Paulo e receberam diplomas de honra ao mérito. Carlos, que é sócio da AEASP e já esteve na direção da associação na década de 1970, se formou pela ESALQ, na turma de 1937, e ainda trabalha em seu escritório na avenida Paulista. Ao discursar, encantou a todos com seu entusiasmo.



Seleção

Até o dia 1 de setembro, às 17h, a AEASP estará recebendo indicações de nomes para a seleção do “Engenheiro Agrônomo do Ano”, de 2014. Qualquer engenheiro agrônomo pode indicar um colega para o processo seletivo. A escolha dos laureados será de responsabilidade da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo da AEASP, decorrente da análise do currículo do candidato, atividades exercidas, trabalhos realizados, tempo de exercício profissional, além de outros aspectos considerados relevantes.

O regulamento está disponível no site da AEASP. Link: http://www.aeasp.org.br/deusa_regulamento.html

Rumo à Itália

A presidente da Asociación Mundial de Ingenieros Agrónomos (Amia), Maria Cruz Dias Alvares, assinou documento em que ratifica a participação da entidade no Congresso Mundial de Agronomia, que ocorrerá em Milão, Itália, de 14 a 18 de setembro de 2015. A AEASP, por meio de seu presidente, Angelo Petto Neto, está se articulando para formar uma comitiva de engenheiros agrônomos brasileiros para o evento. Os colegas que tiverem interesse, podem entrar em contato pelo telefone (11) 3221-6930.

Diploma

Em face de seus 80 anos completados este ano, o CREA-SP encaminhou à AEASP um diploma de mérito em que homenageia a Associação por sua fundamental contribuição para a construção da história do Conselho.

A AEASP presta sua homenagem aos colegas que nos deixaram e oferece condolências às suas famílias.

A AEASP presta sua homenagem ao colega, engenheiro agrônomo Wilson de Andrade Santos que faleceu no dia 29 de junho, aos 69 anos, em Ribeirão Preto (SP) e expressa suas condolências à sua família. Natural de Taubaté, Wilson se formou pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atuou na Casa da Lavoura, em Jaboticabal, Guariba e Taquaritinga, no interior de São Paulo. Também trabalhou no posto de sementes de Ribeirão Preto, foi conselheiro na Secretaria da Saúde local, na Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (AEAARP) e no CREA-SP. O engenheiro agrônomo deixa esposa e duas filhas.



DESPEDIDA

A Pesquisa Agronômica no Cerrado e Campo Nativo

*Fernando Penteadado Cardoso

O problema da restauração da fertilidade das terras pobres de origem, sejam de cerrado ou de campo nativo, originou trabalhos experimentais de vários centros de pesquisa, sejam federais ou estaduais.

Em 1942, Cardoso de Menezes e outros publicaram o resultado de pesquisas realizadas na Estação Experimental de Sete Lagoas/MG, relatando o aumento de produção por calagem e adubação em solo de cerrado. A produtividade alcançada foi modesta quando comparada com a obtida em solos férteis de mata alta.

Em 1948, o pesquisador José Emilio G. Araújo, do Instituto Agrônomo do Sul, em Passo Fundo/RS, divulgou o resultado de pesquisa mostrando que os sintomas de crestamento do trigo podiam ser eliminados pelo enriquecimento do solo em cálcio através da calagem. Seu relatório traz a citação de trabalho anterior datado de 1944 de autoria de Benedito O. Paiva do RS. (quer dizer do Rio Grande do Sul?)

Nos anos 1950, Feuer, da Universidade de Cornell-EUA, apresentou à NOVACAP excelente relatório de levantamento dos solos do Brasil Central. Reza o relatório que na região de cerrado era viável a produção de alimentos e de outros produtos agrícolas.

Em 1956, Colin McClung e outros do Instituto de Pesquisas IRI em Matão/SP, estudaram a restauração da fertilidade em solos inicialmente férteis mas esgotados, bem como em solos fracos de origem, sejam os de cerrado. Seguiram-se validações em três regiões do Estado de São Paulo. Os resultados foram divulgados pelo Boletim N° 29 do IRI, publicado em 1963, Na mesma época, o IAC instalou em Batatais/SP, extenso experimento de formação e adubação de cafeeiros nesse tipo de solo.

A partir dos anos 1970, a Embrapa-Cerrados, então Centro de Pesquisa da Agricultura no Cerrado-CPAC, em Planaltina/

DF, dedicou-se a estudos dos solos pobres do Brasil Central, enquanto a Embrapa-Trigo, em Passo Fundo/RS, bem como outras estações experimentais, dedicaram-se ao estudo dos solos igualmente pobres de campo nativo. Nesse período foi comprovado o bom efeito do gesso movimentando o cálcio para camadas mais profundas do solo.

Em 2006, as pesquisas justificaram a premiação de três engenheiros agrônomos envolvidos com o cerrado, sejam Colin McClung (IRI), Alysson Paolinelli (Ex-ministro da Agricultura.) e Edson Lobato (Embrapa) que partilharam o Prêmio Mundial do Alimento -WFP.

Em 2009, a Fundação Agrisus- Agricultura Sustentável, promoveu um levantamento sobre a fertilidade dos solos cultivados pelo sistema de plantio direto. As 2.342 amostras coletadas em 1.171 locais por todo o país revelaram a formação de um horizonte rico em fósforo na camada subsuperficial, bem como a distribuição das bases trocáveis pelos horizontes onde foram colocadas.

Nesse período de 70 anos, inúmeras outras pesquisas de calagem e adubação complementaram os estudos ora lembrados, criando uma fertilidade antes inexistente, assim tirando proveito da grande riqueza natural que é nosso clima de sol, calor e chuva.

**Fernando Penteadado Cardoso é engenheiro agrônomo sênior, USP-ESALQ, 1936 - Produtor de cana em Mogi Mirim (SP). (Pesq. citadas disponíveis digitalizadas)*



Divulgação

PARABÓLICA



Semente brasileira

Após longos anos investidos em pesquisa, a CATI lança a primeira semente orgânica de milho do Brasil. Batizada de "Al Avaré", a semente fez o maior sucesso em seu lançamento oficial durante Bio Brazil Fair, a maior feira de orgânicos da América Latina, em São Paulo. A variedade foi multiplicada pelo produtor Luís Fernando Evedove, da cidade de Marília. O selo do IBD - Instituto de Biodinâmica, órgão responsável pela certificação de produtores e material orgânico, já está certificando o novo produto. Este novo milho garante mais qualidade de produção, é resistente natural às pragas e doenças e possui fácil adaptação às diversas condições climáticas. O processo de secagem, limpeza, seleção e análise, está sendo feito pelo Núcleo de Semente de Paraguaçu Paulista. A CATI informa que as sementes orgânicas estarão à disposição dos produtores paulistas na safra 2014/2015 .

Prioridade zero

*Tulio Teixeira de Oliveira

Abstraindo-se as emergências fitossanitárias, só há necessidade de priorização quando a dificuldade de escolha se apresenta. No caso dos defensivos agrícolas a prioridade é reclamada pela existência de um grande número de produtos esperando análise para obter o registro. O número dessa fila em maio deste ano era de 1.800 processos, entre produtos técnicos e produtos formulados, somando-se produtos em avaliação e aguardando análise, e sem contar os processos de alterações pós-registro.

Diante deste número, diversos interesses surgem. Os produtores de grandes culturas exigem produtos diferenciados para o controle das principais pragas; os plantadores de pequenas culturas querem registros em profusão para ocupar a lacuna de falta de produtos; as empresas de produtos novos apelam para que sejam priorizados visto serem novas opções de controle; as empresas dedicadas a produtos genéricos lembram que esses aumentam a concorrência e regulam melhor os preços no mercado; e, surfando na onda da sustentabilidade, os que ofertam produtos biológicos afirmam que a vez é deles.

O governo tem seguido a ordem cronológica dos pleitos de registro, mas tem pontuado algumas exceções. Os produtos biológicos têm sido um apelo forte da sociedade e observa-se certa preferência de escolha. Vez ou outra um produto novo tem essa primazia, após forte pressão escorada em alguma praga resistente. Os produtos genéricos obtiveram uma prioridade legal, com o advento do Decreto 4074/2002, arrematado e alterado pelo Decreto 5.981/2006.

Após esses Decretos os pedidos destes produtos genéricos, registrados pela regra da equivalência, foram avolumando de tal forma que outra curiosa priorização se fez necessária. De que adiantava ter registro de Produto Técnico Equivalente - PTE se os seus produtos formulados derivados não estavam registrados

também? A agricultura não usa Produto Técnico. De tal forma que o governo resolveu que a cada registro de Produto Técnico Equivalente um de seus Produtos Formulados solicitados seria avaliado de imediato.

Assim foi feito no início, mas essa determinação vem se desgastando aceleradamente. Veja o quadro com o período médio em dias entre o registro do PTE e seu respectivo Produto Formulado.

Como é possível observar, o período médio foi de 6,3 meses em 2006 e no ano de 2013 essa média saltou para 26,7 meses (2,4 anos). É um tempo incompatível com a expressão "prioridade". Daí o título do artigo.

Infelizmente, o problema está aumentando junto com a fila de pleitos de registros, e, o ritmo de avaliação caído de maneira perigosa para a defesa fitossanitária brasileira.

Afora essa improdutiva e crítica situação, ainda percebe-se uma velada má vontade para com os produtos genéricos, que sofrem outros injustificáveis freios. Exemplos da antiprioridade:

1º) Os ingredientes ativos podem ser reavaliados e quando são os pedidos de registro em andamento de produtos com base naquele determinada substância são paralisados. Os produtos que estão vendendo podem continuar, mas os futuros produtos são penalizados, como se fossem culpados de algum malefício à saúde humana ou ao meio ambiente. Deve ser o conceito da precaução às avessas!

2º) Um Produto Formulado derivado da equivalência está dispensado de testes agrônômicos e de resíduos, posto que já foram realizados por produto formulado já registrado. O produto já registrado funciona como referência para o então candidato a registro. No entanto, é verificado o dossiê do produto registrado no tocante a resíduos, e, se os dados forem antigos, com testes realizados fora das especificações mais modernas, o governo exige que novos estudos sejam realizados e enquanto isso o produto candidato deve esperar os resultados ou realizar seus próprios estudos.

*Eng. Agr. Tulio Teixeira de Oliveira
– Diretor Executivo da AENDA
www.aenda.org.br
aenda@aenda.org.br



Ano	Tempo entre Produto Técnico Equivalente e seu correspondente Produto Formulado
2013	803 dias
2012	642 dias
2011	599 dias
2010	505 dias
2009	464 dias
2008	303 dias
2007	412 dias
2006	190 dias

AENDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEFENSIVOS GENÉRICOS

Mercado em

Impulsionadas pelo avanço da legislação ambiental, as atividades produtivas ligadas ao manejo arbóreo crescem paulatinamente

Adriana Ferreira

O aprimoramento da legislação ambiental, resultante de conscientização e de pressão de setores da sociedade junto ao poder público, abriu espaço para diversas atividades, dentre as quais, aquelas que envolvem o manejo arbóreo urbano.

Nos últimos 20 anos, muitos profissionais, inclusive engenheiros agrônomos, e empresas se especializaram para atender aos quesitos legais relativos ao plantio e manutenção de árvores nas cidades.

Embora não haja dados estatísticos oficiais sobre esse mercado, de acordo com o presidente da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU), André Duarte Puente, “a cadeia de negócios da arboricultura, que envolve desde a produção de sementes até a destinação de resíduos de podas e remoções, movimentava vultosa soma de recursos e emprega milhares de profissionais em todo o Brasil”. O presidente da entidade, que surgiu há 22 anos e possui 1400 associados, afirma que é possível medir o crescimento do mercado pela participação cada vez maior de profissionais liberais e empresas nos eventos da SBAU.

As árvores são componentes da infraestrutura urbana que contribuem de forma significativa para a qualidade de vida de 80% da população brasileira que vive nas cidades. “Esses benefícios podem ser quantificados em bases econômicas e estudos que apontam um retorno superior a 100% no investimento realizado em árvores urbanas, caracterizando a arboricultura como uma vertente das políticas públicas de grande retorno”, explica André.

O aumento da demanda pelos serviços nessa área, segundo especialistas, está relacionado à terceirização dos serviços públicos e a falta de concursos públicos para contratação de mão de obra especializada, ao aprimoramento da legislação e à constituição de Planos Diretores de Arborização Urbana nas cidades.

O trabalho, conforme a legislação, envolve licenciamento ambiental, laudos de cobertura vegetal para parcelamento de solos e edificações, manejo de árvores urbanas, implantação, podas e transplantes de árvores.

O presidente da SBAU afirma que há espaço para crescer e muitos desafios para quem abraçar essa área. “Faz-se necessário realizar ações que proporcionem a discussão para as melhores práticas de manejo de árvores urbanas, promovam o crescimento da cadeia de negócios e divulguem o valor das árvores”, conclui.

Há um consenso entre aqueles que atuam nesse segmento quanto as qualificações e a vocação do engenheiro agrônomo para esse trabalho. Isso ajuda a explicar a forte presença deles na área. O engenheiro agrônomo e paisagista Rodolfo Geiser construiu uma carreira sólida com foco no planejamento paisagístico. Esalqueano, da turma de 1963, ele fundou o escritório Rodolfo Geiser Paisagismo e Meio Ambiente em parceria com a arquiteta, Christiane Ribeiro, e realiza grandes obras urbanas para empreiteiras e órgãos públicos.



André Duarte Puente, presidente da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU)

Atualmente, o escritório de Rodolfo atua junto a empresas de engenharia em projetos de paisagismo para a CPTM e o Metrô de São Paulo, de Salvador, a linha de VLT em Goiânia e parques dos Centros de Educação Unificados (CEU's) da Prefeitura da capital. Além disso, seu escritório realiza uma obra em um parque particular de 250.000 metros quadrados no Paraná, com preocupações ecológicas, paisagísticas e culturais, pois seu proprietário quer dispor de esculturas de grandes artistas brasileiros no local.

O manejo arbóreo é uma das atividades consideradas nos projetos paisagísticos desenvolvidos pelo escritório de Rodolfo. Mas ele ressalta que o manejo vai além do atendimento aos requisitos legais. “Ele começa com o planejamento paisagístico da arborização de uma obra: a análise do local, a seleção da espécie arbórea mais conveniente. Em seguida, é preciso manter ou fazer o cadastro arbóreo na escala de tempo, ou seja, cada árvore deve ter uma ficha (tal qual uma ficha médica) com o acompanhamento de seu

expansão

crescimento e evolução anual”, discorre ele.

O eng. agrônomo diz ainda que a atividade inclui problemas que vão desde doenças até a influência de novas edificações. “Entendemos que todas as árvores de uma cidade, sejam nas calçadas, avenidas ou parques, devem ser cadastradas tendo em vista sua preservação em condições de saúde e plena vitalidade. Assim, muitas vezes os Termos de Compromisso Ambiental (TCAs) e os Termos de Ajustamento de Conduta (TACs) embora necessários burocraticamente, são um mero complemento do manejo arbóreo”, avalia.

O profissional reforça a percepção de que esse segmento está em ascensão. “É um mercado de trabalho muito importante e que necessita ser divulgado para que todos compreendam sua relevância.” Ele destaca também que o manejo arbóreo ‘paisagístico’ é uma atividade do engenheiro agrônomo.

Apesar das perspectivas animadoras, Rodolfo chama a atenção para o problema da seca na região Sudeste, em especial em São Paulo, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais. “Estamos com problemas de seca, de redução drástica dos mananciais de água em níveis preocupantes. Há necessidade absoluta de se economizar água, e atividades como a execução de obras de paisagismo certamente estão sendo afetadas – tanto quanto os produtores de alfaca, cujo produto tem de ser lavado pelo consumidor!”

Em 2008, Vicente Tundisi, também engenheiro agrônomo, iniciou sua atividade em licenciamento ambiental e manejo arbóreo quando se associou a um amigo que já atuava no ramo. Pouco tempo depois de se desligar da sociedade, em meados de 2013, ele fundou a Ambiente Legal, no mesmo segmento. “A decisão de abertura da empresa foi baseada na oportunidade de negócio que enxergo em São Paulo. A cidade tem uma legislação ambiental severa, portanto existe um mercado para licenciamento e manejo arbóreo, corte, transplante, plantio compensa-

tório. Eu venho acompanhando o crescimento dessa demanda”, revela o empresário.

Diferente do escritório de Rodolfo, focado em projetos e planejamento, a empresa de Vicente atua no atendimento da legislação ambiental, prestando serviços que vão desde a prospecção de terrenos para recomendação de investimento dos empreendedores, passando pelo licenciamento, manejo, compensação e cumprimento de TAC, emitido quando ocorrem irregularidades.

Inicialmente, ele não pretendia montar uma estrutura, mas a procura dos clientes pelos seus serviços forçou a estruturação do negócio. “Ou eu atendia ou saia fora desse mercado”, assinala Vicente. A empresa tem 15 funcionários registrados, sendo um engenheiro agrônomo e um biólogo, e possui sede no bairro dos Jardins, na capital paulista.

A tendência natural em um mercado em expansão é a entrada de novos concorrentes. Mas Vicente alerta que para prestar serviços nesse segmento é preciso ter preparo técnico, equipe, estrutura e conhecimento da burocracia dos órgãos públicos. “Nosso negócio está atrelado ao desempenho da economia e maior conscientização ambiental. Como atendemos ao mercado da construção civil, quanto maior a quantidade de obras, maior a demanda por nosso trabalho”, acrescenta ele.

Portanto, ser bem sucedido nessa atividade depende de bom relacionamento com construtoras e profundo conhecimento da legislação ambiental e da máquina pública. “A construtora contrata uma empresa para resolver as questões ambientais. Se a prestadora de serviço erra, por exemplo, dando uma orientação que não atenda a legislação, aquele empreendimento pode ter um atraso sério ou custos elevados de reparação ambiental”, esclarece o engenheiro agrônomo.

A confiança do cliente no profissional ou na empresa que vai fazer a gestão ambiental da obra é construída ao longo do tempo. Ademais, é importante ter estrutura e oferecer suporte para todas as etapas, do TCA ao TAC, o que exige que se tenha um responsável técnico cadastrado no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA) e que, conseqüentemente, se emita ART.

O colega Rodolfo acrescenta que, como em qualquer atividade humana, o sucesso na área de paisagismo e de manejo arbóreo depende de amor e dedicação, além de conhecimento técnico e sensibilidade artística.

Legislação

As árvores constituem um patrimônio da comunidade e, de acordo com a legislação, não podem ser manejadas sem autorização. O direito de propriedade é limitado à função social, como preceitua a Constituição Federal, por isso ainda que o exemplar arbóreo esteja dentro de área particular é preciso que o dono do imóvel peça auto-



// A cadeia de negócios da arboricultura, que envolve desde a produção de sementes até a destinação de resíduos de podas e remoções, movimentava vultosa soma de recursos e emprega milhares de profissionais em todo o Brasil. //

rização ao poder público para realizar qualquer intervenção.

O manejo de exemplares em áreas públicas (calçada e ou parques) é executado exclusivamente pela prefeitura ou por terceiros quando expressamente autorizado pelo órgão. Já nas áreas particulares, o serviço é feito por empresas privadas mediante autorização da Secretaria do Verde e Meio Ambiente e/ou pela Subprefeitura.

Em tese, as obras que envolvem o trabalho de paisagismo e manejo arbóreo devem estar alicerçadas no sistema legal, no três níveis: federal, estadual e municipal. Mas são comuns os casos de projetos em que aspectos da legislação são ignorados gerando sérios prejuízos para os contratantes dos serviços. Um restaurante da capital paulista fez uma intervenção paisagística com árvores



Eng. Agrônomo Vicente Tundisi

que se encontravam em seu recinto. O proprietário nem desconfiava que estava irregular até receber uma multa da prefeitura no valor de 150 mil reais. “Infelizmente em nosso país existe uma tendência em driblar a Lei. Por ignorância ou má fé, mas também porque a aprovação de projetos nos órgãos ambientais demora e nem todos querem aguardar”, comenta Rodolfo.

Cada município tem suas regras, mas elas estão subordinadas aos regulamentos da Secretaria Estadual, Cetesb, Ibama, Conama e Inkra. “A secretaria municipal não pode ser menos rigorosa que esses órgãos. Em São Paulo, a lei é bastante rígida, o cidadão pode plantar uma árvore, mas não pode fazer nenhuma intervenção sem autorização do poder público local. Se a pessoa quiser plantar uma árvore, o ideal é procurar uma orientação da subprefeitura para saber as melhores espécies e técnicas a serem utilizadas”, esclarece Vicente.

Na capital paulista é muito comum encontrar as falsas seringueiras, que obstruem passagens e avançam em viários, trata-se de uma espécie inadequada em local errado. No extremo, uma situação como essa pode levar a queda da árvore ou de galhos, segundo os especialistas. Por isso, Rodolfo defende que o Brasil adote como padrão o cadastramento das árvores urbanas, assim é possível ter um histórico de cada exemplar e evitar o adoecimento e a queda delas.

Seja como for, a responsabilidade é do munícipe esteja a árvore em frente ou dentro de sua casa. Os paulistanos muitas vezes são surpreendidos com multas porque desconhecem os termos da lei. Dentre outras coisas, é proibido podar, pintar, amarrar xaxim com arames, fios de nylon ou suspender refletores nas árvores, ainda que elas estejam dentro de uma propriedade privada.

“Uma Piracanta pode ser maior que um exemplar arbóreo, como o Ipê amarelo, mas ela é considerada um arbusto e pode ser manejada sem a autorização da prefeitura. Já se o cidadão mexer no Ipê, poderá ser multado”, informa Vicente. Via de regra, para o leigo é difícil fazer essas distinções, por isso o profissional sugere que as pessoas busquem orientação junto ao órgão público local. ■



Eng. Agrônomo e paisagista Rodolfo Geiser

Ano Internacional da Agricultura Familiar

*Braz Albertini

A Organização das Nações Unidas declarou que 2014 é o Ano Internacional da Agricultura Familiar. Isso se deve ao potencial que essa modalidade de agricultura detém. Embora seja minimizada por alguns segmentos da sociedade, a agricultura familiar combate o êxodo rural e contribui com a segurança alimentar, só para citar dois exemplos de sua influência. E mais, superando o estigma de agricultura de subsistência, ela representa cerca de 12 milhões de pessoas por todo o país, ocupa 74% da mão de obra no campo, o que a torna responsável por 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros, atingindo atualmente 33% do PIB agropecuário brasileiro.

Segundo dados da ONU, existem ainda hoje um bilhão de pessoas passando fome no mundo. Quando a tecnologia de produção chegar aos agricultores familiares, em qualquer País do mundo, esse trágico número diminuirá consideravelmente.

A questão política é fundamental para o desenvolvimento da agricultura familiar. Nos países desenvolvidos, há uma proteção dos mercados e a exportação dos excedentes de produção é subsidiada, causando problemas para outros países produtores, o que reforça a dificuldade dos demais garantirem seu pleno desenvolvimento através da economia agrícola. No Brasil, por mais que haja interesse político em beneficiar os agricultores familiares, através de políticas públicas, outros setores da Economia e questões acabam por reter o investimento necessário que deveria ser destinado ao desenvolvimento agrícola.

As autoridades brasileiras sabem que, para viabilizar a agricultura familiar, é necessário um investimento muito maior em extensão rural do que é atualmente praticado. Os agricultores precisam de um auxílio técnico para melhorar a qualidade e aumentar a quantidade do que produzem. Há políticas públicas que auxiliam na comercialização da produção, mas elas são prejudicadas pela falta de organização dos produtores, fato que poderia ser resolvido pela extensão rural. Para organizar os produtores e a produção é preciso de um corpo de assistência técnica que atue diretamente junto ao agricultor. Somente dessa forma, poderemos nos beneficiar do crescente aumento do consumo de produtos com valor agregado.

Isso liga com a questão econômica que, por sua vez, afeta o interesse político. O aumento do preço dos alimentos costuma ser encarado como o grande vilão para o desempenho de nossa economia, pois afeta o bolso da classe urbana, que tem significativo peso na decisão eleitoral, o que preocupa os políticos. A mídia contribui, fazendo um carnaval, como se um alimento fosse o responsável por toda a inflação do país. Se as pessoas das cidades se solidarizassem mais com os produtores, buscando compreender melhor o funcionamento da cadeia produtiva, a situação poderia ser bem diferente para ambos.

Somente quando os governos federal, estadual e municipal tomarem a decisão política de investir na capacitação desses produtores, nós teremos avanços consideráveis não somente na agricultura, mas em outras searas também. Com uma maior e melhor produção, teremos melhorias na qualidade de vida de todos, tanto no campo quanto na cidade, pois haverá menos problemas sociais, menor êxodo rural, etc.

Uma ação que visa o desenvolvimento da agricultura familiar e que também ajuda a desmitificar o senso comum sobre esse segmento é

a realização da Agrifam – Feira da Agricultura Familiar e do Trabalho Rural, realizada entre 1 e 3 de agosto, em Lençóis, interior de São Paulo. Desde 2003, a Feira promove uma agricultura familiar sustentável, ambiental e economicamente, através da conscientização pública e política, além de ampliar o potencial do setor de maneira sinérgica, oferecendo pesquisa, alta tecnologia, produtos e serviços.

É louvável a dedicação de 2014 como o Ano Internacional da Agricultura Familiar, mas é preciso maior consciência para com o agricultor familiar, ele é uma das peças-chave para o pleno desenvolvimento de uma nação.

**Braz Albertini é presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo*

**A ANDEF – Associação Nacional de Defesa Vegetal cedeu este espaço para a entidade organizadora da AGRIFAM, como apoio ao Ano Internacional da Agricultura Familiar.*



Giuliano Martins

Harri Lorenzi

O agrônomo é um dos maiores especialistas em plantas no Brasil. Autor de livros sobre árvores nativas, exóticas, frutíferas e plantas daninhas, ele já catalogou mais de 15 mil espécies da flora brasileira.

Sandra Mastrogiacomio

Natural de Corupá (SC), o engenheiro agrônomo Harri Lorenzi, 64 anos, já publicou 24 livros, sendo seis deles traduzidos para o inglês e um publicado somente nos Estados Unidos, além de vários trabalhos científicos. Todos sobre plantas. São obras técnicas consideradas por muitos como verdadeiros livros de arte. Lorenzi consegue viver do que publica, um privilégio que poucos autores conseguem no Brasil.

Os livros são lançados quase sem publicidade por meio de sua própria editora, a Plantarum, e chegam a vender até 150.000 exemplares. O Instituto Plantarum é uma instituição privada, fundada em 1981 pelo próprio engenheiro agrônomo. Além de ser fonte de sua renda pessoal, a empresa é a patrocinadora das dezenas de expedições botânicas que ele faz pelo País.

Nessas viagens, Lorenzi explora os mais diferentes ecossistemas brasileiros. No centro de pesquisa, em Nova Odessa, interior de São Paulo, onde está localizada a Plantarum, além de laboratório e uma bem equipada biblioteca de taxonomia vegetal, há um jardim botânico de 8 hectares, com mais de 5 mil espécies vivas e um herbário com cerca de 20 mil amostras.

Filho de agricultores, Harri foi lavrador até os 18 anos, quando resolveu começar a estudar. Graduiu-se engenheiro agrônomo em 1973 pela Universidade Federal do Paraná e é mestre pela Universidade do Tennessee, nos Estados Unidos. Foi pesquisador do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) e do Centro de Tecnologia Copersucar, em Piracicaba (SP). Nesta entrevista ao JEA, o eng. agrônomo fala sobre o seu trabalho e a sua paixão pelo ecossistema brasileiro.

■ Como resume sua trajetória profissional?

A inexistência de uma escola de agronomia em meu estado, Santa Catarina, dificultou o ingresso na área, o que só ocorreu após os 21 anos de idade. Mas a paixão foi completa e me formei em primeiro lugar em uma turma de 120 alunos. Após a graduação surgiram muitas ofertas de emprego e fui trabalhar na Nestlé, que me deu uma pequena bolsa durante toda a faculdade como prêmio pela minha dedicação na liderança dos clubes de jovens rurais. Em seguida, fui para a pesquisa agrônoma no IAPAR, minha grande paixão. Após a conclusão do mestrado, mudei para Piracicaba. Fui trabalhar como pesquisador no Centro de Tecnologia Copersucar onde permaneci por 13 anos até partir para a iniciativa privada, na qual estou até hoje, escrevendo e publicando sobre plantas.

■ O que o motivou a trabalhar com as plantas e árvores?

Apesar de atuar por mais de 20 anos na atividade agrônoma de produção e pesquisa de campo, desde a minha graduação tive uma forte ligação com a botânica. Pela natureza da atividade que exercia (controle de plantas daninhas e reflorestamento com essências nativas) fui aos poucos, sem planejar, mudando completamente para esta área. Mesmo assim, minha ligação com a agricultura continua,

quer pela condição de cafeicultor quer pela atividade de paisagismo e jardinagem que exerço no comando do Jardim Botânico Plantarum, onde aplicamos as mais modernas tecnologias agrícolas na produção e manutenção de nossos jardins.

■ Em que estágio o Brasil se encontra no desenvolvimento da área botânica?

Lamentavelmente o Brasil, que detém a maior biodiversidade vegetal do planeta, investe muito pouco no seu estudo. São conhecidas 34 mil espécies de plantas superiores no país, contudo, estimo que exista pelo menos outro tanto para ser descoberto. Evidentemente os países do primeiro mundo estão muito mais avançados. Mas infelizmente isto vem mudando para pior: como já não possuem mais uma flora para estudar porque isto já foi feito há décadas ou até séculos, colocavam seus botânicos à serviço do terceiro mundo para estudar suas floras. Porém agora se defrontam com o fechamento destes países para cientistas estrangeiros. Sem ter o que fazer, estão paulatinamente desmontando sua estrutura de pesquisa botânica.

■ Por que há tão poucas flores na arborização urbana do país?

As ruas e praças de nossas cidades são arborizadas basicamente por espécies exóticas em mais de 80% dos casos, as quais geralmente foram escolhidas por outros atributos que não pela floração. O Brasil tem uma flora arbórea riquíssima, com dezenas de espécies extremamente floríferas como os ipês, jacarandás, cássias, mulungus, sucupiras, entre outras, que, à exceção de algumas espécies de ipês, são totalmente desconhecidas pelos paisagistas e jardineiros. Salvo raras exceções, os jardins públicos são medíocres e de composição repetitiva, onde predomina plantas não floríferas.

■ Por que isso acontece?

Primeiramente acho que é por uma questão cultural. Segundo porque quem os planeja nem sempre conhece a flora ornamental disponível.

■ Existem muitas espécies nativas ainda não catalogadas?

Ainda existe de 20 a 30 mil espécies para serem descobertas e descritas no país; a minha estimativa é baseada no número de espécies novas que encontramos anualmente: em torno de 20, em poucas expedições botânicas específicas. Geralmente passo as espécies novas que encontro para os respectivos botânicos especialistas da família a que estas espécies pertencem e que têm muito mais condições de descrever que eu. Descrevo apenas parte das espécies de palmeiras (arecaceae) que encontramos, visto que não sou botânico acadêmico e não tenho tempo para dedicar-me a isto.

■ Como surgiu a ideia de escrever livros sobre botânica?

Os primeiros livros surgiram da própria necessidade de literatura nas



áreas em que trabalhava, como plantas daninhas e árvores nativas. Como teria que conhecer todas as espécies do meu trabalho, pensei: 'por que não aproveitar a oportunidade para catalogá-las, fotografá-las e descrevê-las?'. Assim surgiu meu primeiro livro "Ervas Daninhas do Estado do Paraná", em 1976, apenas três anos após minha formatura.

■ **Por que acha que o negócio da editora deu certo?**

Inicialmente, estava mais preocupado em produzir uma bibliografia compreensível aos profissionais do controle de plantas daninhas, já que a mesma era inexistente, do que iniciar um negócio. Não tive nenhum apoio para isto. Ao contrário, fui boicotado pela então Sociedade Brasileira de Herbicidas e Plantas Daninhas. Mas a minha insistência acabou dando resultado financeiro cerca de cinco anos após o lançamento do primeiro livro independente, que foi um sucesso e me estimulou a arriscar e continuar produzindo. Porém, somente 15 anos depois desse lançamento e já com vários livros no mercado foi que me senti realmente seguro para abandonar meu emprego fixo e dedicar-me exclusivamente as novas edições. A iniciativa editorial especializada no segmento botânico deu certo porque sempre primei pela qualidade, aperfeiçoamento e atualização das publicações.

■ **Como começou o herbário? Quantos funcionários e quantas espécies de plantas ele possui?**

Todos os herbários existentes no país pertencem ao governo, estão nos Institutos de Pesquisa e nas Universidades. Como realizo expedições botânicas de coletas desde 1974, depositando as exsicatas coletadas em herbários públicos, percebi que seria muito mais prático ter o meu próprio herbário do que ter de ir até o Instituto de Botânica em SP para reexaminar as minhas próprias coletas toda vez que necessitasse. Como somos uma entidade privada e não temos nenhum apoio financeiro de qualquer origem, temos o mínimo de funcionários em todas as nossas atividades, são oito colaboradores,

dos quais, quatro jardineiros. Nosso herbário tem cerca de 25 mil exsicatas e o acervo vivo de jardim botânico tem cerca de 3720 espécies de plantas, a maioria da flora nativa, algumas já extintas na natureza.

■ **Muitas pessoas visitam o herbário? A receita dos ingressos é significativa para a manutenção do jardim botânico?**

A visitação do herbário somente é permitida para estudiosos da Botânica e grupos de crianças acompanhadas de nossos guias. Já o Jardim Botânico está aberto à visitação para o público em geral, mediante o pagamento da taxa de ingresso no valor de 20 reais, que representa cerca de 20% da receita mensal para a manutenção do jardim.

■ **Quantas expedições o senhor já realizou e por onde andou?**

Foram cerca de 1,2 milhões de quilômetros. Isto é baseado apenas nos deslocamentos por terra, na média de 40 mil quilômetros por ano, percorrendo virtualmente todos os Estados e regiões do País.

■ **Em algum momento pensou em desistir dos seus projetos?**

Não, porque isto é acima de tudo um hobby. Temo apenas pelo fim do livro de consulta com o avanço da internet, mas quando isto acontecer, certamente encontrarei outro negócio para subsidiar nossas pesquisas.

■ **O senhor enfrentou preconceito por ser engenheiro agrônomo e trabalhar com botânica?**

Certamente que sim, mas isto nunca me incomodou porque o objetivo de nossos livros é popularizar o conhecimento da botânica, também muito utilizado pelos acadêmicos.

■ **Quais são os principais desafios para o trabalho botânico?**

Os maiores desafios são os altos custos das expedições e a destruição de nossos ecossistemas que nos obriga a ir cada vez mais longe para encontrar vegetação não degradada. ■

Combate programado

O clima seco e a estiagem no estado de São Paulo geralmente ocorrem entre os meses de junho e outubro, quando o fogo no campo torna-se um problema. O diretor da AEASP, Ricardo Viegas, é coordenador de Fiscalização Ambiental da SMA e da Campanha Corta Fogo que tem como objetivo diminuir focos de incêndio no Estado de SP; reduzir emissões de gases de efeito estufa derivados das queimadas; proteger áreas com cobertura vegetal contra incêndios; proteger os recursos naturais; erradicar a prática irregular do uso do fogo; e desenvolver alternativas ao uso do fogo para o manejo agrícola, pastoril e florestal.

Em operação recente realizada na cidade de Ribeirão Preto, Ricardo fez questão de lembrar: "este é mais um ano em que contamos com o envolvimento da indústria da cana-de-açúcar, que ao lado de outros setores produtivos já sofreu grandes prejuízos com os incêndios nessa época do ano".



Receituário agrônômico

O I Seminário Nacional sobre Receituário Agrônômico e Responsabilidade Técnica acontecerá nos dias 14 e 15 de outubro, no auditório do CREA-MG, em Belo Horizonte. Segundo o vice-presidente no exercício da presidência da Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (CONFAEAB), Emílio Elias Mouchrek Filho, a proposta do Seminário é mostrar a importância da utilização do receituário agrônômico para promover o uso sustentável de produtos fitossanitários e consequente bem estar para produtor e consumidor. "Esperamos que o receituário agrônômico volte a ser um exercício profissional, o que possibilitará a utilização correta de produtos fitossanitários, minimizando os riscos e evitando aplicação desnecessária", explica.

A comercialização de defensivos vinculada a uma receita agrônômica é uma exigência legal ou prática recomendada em muitos países. No Brasil, a medida tornou-se obrigatória em 1989, com a Lei Federal nº 7.802. Entretanto, desde o início da década de 70 as preocupações com o uso indiscriminado desses produtos são motivo de discussões, em razão do crescente número de ocorrências de acidentes com agricultores e agressões ao ambiente registradas no Brasil.

O fiscal federal agropecuário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Aníbal de Souza Figueiredo, considera de suma importância a participação no Seminário Nacional sobre Receituário Agrônômico e Responsabilidade Técnica. "Cabe aos engenheiros agrônomos e profissionais legalmente habilitados a prescrever o receituário decidir quando e qual agrotóxico aplicar. Suas recomendações devem promover o uso correto e responsável destes produtos. Devido às responsabilidades envolvidas neste ato, conhecer seus direitos e deveres torna-se imperativo para a segurança jurídica deste profissional", afirma.

O evento é realizado pela Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (CONFAEAB), com a participação da Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos (SMEA), apoio do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Minas Gerais (CREA-MG) e organizado pela Agropec Pesquisa, Extensão e Consultoria. Mais informações sobre o evento no site: www.serart.eventize.com.br | Fonte: Agropec Consultoria



FUNDAÇÃO AGRISUS
agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
- Educação coletiva (eventos, publicações);
- Pesquisas técnicas, com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

Seminário Coplacana

O presidente da AEASP, Angelo Petto Neto, estava entre as lideranças presentes ao seminário “A Importância do Agronegócio na Economia”, realizado em julho na Cooperativa dos Plantadores de Cana (Coplacana), em Piracicaba.

O ex-ministro da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, proferiu a palestra principal do evento e revelou à plateia que representantes do agronegócio do Brasil apresentariam um plano para o setor aos candidatos à Presidência, Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB). O documento com as propostas será entregue após consulta a todas as entidades de classe ligadas ao setor. “O plano foi pedido pelos candidatos e devemos encaminhá-lo reunindo propostas formadas em conjunto”, afirmou Rodrigues.

Presidente do conselho deliberativo da Única (União da Indústria da Cana-de-açúcar) e coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rodrigues destacou o crescimento das exportações do país entre 2003 e 2013, um salto de US\$ 30 bilhões para US\$ 100 bilhões. “Enquanto o mundo inteiro encolheu, o agronegócio do Brasil cresceu”, disse. Para o ex-ministro, em 40 anos os países emergentes vão dominar o mercado consumidor e produtor de alimentos no mundo.

Também participaram do evento como debatedores o presidente da Abag, Luiz Carlos Corrêa Carvalho; José Coral, presidente da Afo-capi (Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba); Arnaldo Bortoletto, presidente da Coplacana; Tarcísio Mascarim, secretário de desenvolvimento econômico de Piracicaba; José Vicente Caixeta Filho, diretor do campus da Universidade de São Paulo (USP) em

Piracicaba; Angelo Frias Neto, presidente da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (Acipi); Hermas Amaral Germek, diretor da Fatec, Pedro Mizutani, representante da Raízen e Ricardo Caiuby de Faria, da Sucral. As considerações finais foram feitas pelo deputado federal Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB).

A importância do agronegócio na chamada segurança alimentar, o desafio de garantir a sobrevivência da população do planeta e, consequentemente, a paz mundial foram pontos destacados pelo deputado federal Mendes Thame. Ele falou também da necessidade de políticas públicas e maiores incentivos a um setor de importância estratégica. “Temos que avançar no conhecimento tecnológico adequado, para tomar decisões corretas, lutar juntos para enfrentar crises e a falta de incentivos reais para um setor que hoje responde por 40% da balança comercial. Unir esforços para conseguir superar o desafio de aumentar a cada ano a nossa produção e alimentar o mundo.”, disse.

Segundo José Otávio Menten, coordenador do curso de engenharia agrônoma da Esalq-USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) um dos organizadores do seminário, a intenção foi reunir representantes de toda a cadeia para discutir os principais desafios do setor.

“Enquanto o crescimento previsto para a economia no Brasil em 2014 é inferior a 2%, o agro deverá continuar crescendo. Em 2013 a agricultura cresceu 7%, sendo o setor que mais contribuiu para que o PIB brasileiro atingisse 2,3%. Em 2014 deve ser, novamente, o principal setor de nossa economia, talvez um pouco abaixo do crescimento de 2013”, afirmou Menten.



Divulgação

Prêmio Fundação Bunge

O 59º Prêmio Fundação Bunge anunciou os contemplados de 2014. Na área de Ciências Agrárias – Produtividade Agrícola Sustentável, Hiroshi Noda, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), foi o contemplado na categoria Vida e Obra por diversos trabalhos, entre eles, a conservação e melhoramento genético de recursos vegetais nativos da Amazônia. Na categoria Juventude, Fernando Dini Andreote, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), foi agraciado por seu trabalho com microbiologia ambiental na área agrícola. Na área de Artes – Artes Circenses, Hugo Possolo, um dos fundadores do grupo Parlapatões, por seus mais

variados trabalhos como “Sardanapalo”, “Zèròi” e “Vamos comer o Piolin”, foi o contemplado na categoria Vida e Obra, enquanto Luana Tamaoki Serrat, instrutora de circo e diretora da Cia Fulanas de Circo e da Cia Luana Serrat, foi agraciada na categoria Juventude.

O anúncio dos contemplados aconteceu no dia 25 de julho, logo após a reunião do Grande Júri formado por reitores de universidades e presidentes de entidades científicas e culturais de renome. Para a categoria “Vida e Obra” são escolhidos profissionais pelo conjunto de seus trabalhos e na “Juventude”, jovens de até 35 anos que se destacam em seus campos de atuação.

Novo posto

É inaugurada uma nova unidade de Posto de Serviço do CREA-SP em Campinas nas dependências do Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC). O local escolhido é estratégico, visto que fica próximo a diversos órgãos importantes da agricultura: CATI, IAC, ITAL, Codasp e CDA.

Endereço: Rua Eleutério Rodrigues, 64 - Vila Nova Tel: (19) 3242-1764

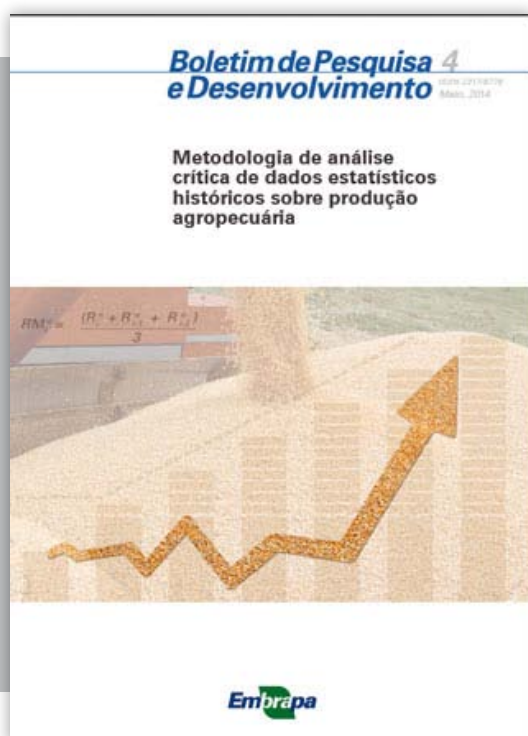
Visita

O deputado estadual Bruno Covas, que deixou recentemente a Pasta Estadual de Meio Ambiente para concorrer às eleições como deputado federal, visitou a AEASP e conversou com engenheiros agrônomos. A atual diretoria da AEASP tem como política receber todos os parlamentares que se disponham a nos visitar.

Estudo

Recém publicado, o trabalho Metodologia de análise crítica de dados estatísticos históricos sobre produção agropecuária trata de um tema muito importante na área de geoprocessamento: a qualidade de séries históricas de dados de produção agropecuária.

É cada vez mais frequente o uso de séries históricas de dados relacionados à agricultura, pecuária e silvicultura, inclusive em estudos de suporte à gestão territorial estratégica. Mas, são diversos os relatos acerca da dúvida quanto à precisão desses dados e, de acordo com os autores da publicação, a presença de dados incorretos pode acarretar na produção de informações, total ou parcialmente, equivocadas. Com essa preocupação, o trabalho apresenta uma metodologia de análise crítica de dados históricos de produção agropecuária e estudos de caso para dados de laranja, trigo e leite bovino. Saiba mais: <https://www.embrapa.br/gestao-territorial/busca-de-noticias/-/noticia/1854102/publicacao-discute-metodologia-para-validar-dados-oficiais>



Prêmio ANDEF

Foi realizada a 17ª Edição do Prêmio ANDEF com a entrega de 25 troféus para os profissionais que atuam no agronegócio brasileiro. A premiação, atingiu mais de 18 milhões de pessoas com os projetos desenvolvidos pelos participantes. A temática do Prêmio ANDEF neste ano é: "Educando para um novo tempo", por isso a grande estrela da noite foi o educador do campo. "Não estamos falando de um único profissional, mas de todos aqueles que se esforçam para levar conhecimento até o produtor rural, como o engenheiro agrônomo, o técnico agrícola, os representantes de cooperativas e tantos outros", explicou Fábio Kagi, gerente de educação da ANDEF. A festa ocorreu no dia 21 de julho, em São Paulo, e contou com a presença de 500 convidados. Confira os nomes dos premiados:

PROFISSIONAIS

Clodoaldo Dutra Flaitt, ArystaLifeScience; Eduardo Constantino, DuPont; Eric Pasqualli Nunes, Syngenta; Gustavo Martins, Dow AgroSciences; Jeverson de Oliveira, FMC; Jorge Luiz Fernandes Parras, Monsanto; Nilson Liasch Júnior, Basf; Rodrigo Begale, Bayer CropScience.

CAMPO LIMPO

CEARPA – Nova Mutum/MT;
FAFRAM – Ituverava/SP;
ARAGO – Goianésia/GO;
ARANAV – Naviraí/MS;

DISTRIBUIDORES

Boas Práticas Agrícolas:
Agro Amazônia/MT: Projeto Vida Saudável
Responsabilidade Social:
Agrológica/MT: Horta Espaço Prima Jovem
Responsabilidade Ambiental:
Alvorada/MT: Reflorestando e Preservando Área Degradada

COOPERATIVISMO

Boas Práticas Agrícolas:
COOPERCITRUS/SP: Uso Correto e Seguro dos Defensivos Agrícolas
Responsabilidade Social:
COOXUPÉ/MG: Escola Consciente
Responsabilidade Ambiental:
COPLANA/SP: Córrego Vivo e Reflorestando as Nascentes

ENSINO

CEFET/RJ: Agroprata

JORNALISMO

Ações de Cooperativas:
Natália Canevazzi, Coopercitrus Revista
Agropecuária/SP - Matéria: Maracujá e seringueira: implantação em cafezais de baixa produção
Jornal:
Anna Carolina Papp Silva, O Estado de S. Paulo/SP - Matéria: Robôs e drones chegam ao campo
Revista:
Leonardo Ruiz, Revista CanaMix/SP - Matéria: Os caminhos da sustentabilidade
Televisão:
Wendel Rodrigues, TV Correio/PB (Afilhada da Rede Record) - Matéria: Ouro Verde
Fotografia:
Ricardo Rafael da Silva, O Popular/GO

PRODUTOR RURAL

Jonas Marques, produtor de café conillon e pimenta do reino da cidade de São Mateus/ES.

De olho em sua ART

Prezado associado da AEASP, ao preencher a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) não se esqueça de registrar no campo 31 o número **58**. Desta forma você estará ajudando a AEASP a obter mais recursos que serão revertidos em seu benefício. Se o

emissor deixar o campo 31 em branco a alíquota não é repassada à nossa entidade.

Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agrônomo, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.



Na Rede

A AEASP criou sua fan page no Facebook para tornar mais dinâmica sua comunicação com os engenheiros agrônomos. A página traz informações diversas sobre vagas de emprego para os profissionais da agronomia, notícias do meio agrônomo e demais informações.

Visite!

<https://www.facebook.com/aeaspng?fref=ts>



Seu e-mail

Os meios eletrônicos são imprescindíveis hoje para desenvolver qualquer atividade. Por isso, a AEASP, solicita aos sócios que atualizem seus dados, inserindo seu endereço de email. Envie seu endereço eletrônico para o nosso email: aeasp@aeasp.org.br.



Para anunciar no JEA ou recebê-lo, entre em contato:

Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP: 01041-000 | São Paulo - SP
Tel.: (11) 3221-6322 | Fax: (11) 3221-6930
redacaojea@aeasp.org.br | secretaria@aeasp.org.br

Envie suas sugestões de conteúdo e críticas para o

JEA. Encaminhe suas mensagens para:

adriana@acertacomunica.com.br e
redacaojea@aeasp.org.br

Jornal do Engenheiro
Agrônomo

PENSANDO EM TORNAR A GESTÃO
DA SUA AGROINDÚSTRIA
MAIS EFICIENTE E INOVADORA?
DEIXE A TOTVS PENSAR COM VOCÊ.



TRANSFORME O SEU NEGÓCIO COM O SOFTWARE DE GESTÃO DA TOTVS.

A TOTVS existe para tornar a sua empresa ainda mais competitiva. Para isso, você precisa de soluções simples e inovadoras em tecnologia. A TOTVS desenvolve software de gestão para facilitar o seu dia a dia e, junto com você, tornar o seu negócio mais ágil, conectado e produtivo.

Deixe a TOTVS pensar com você. Ligue pra gente. **PENSANDO JUNTO, FAZEMOS MELHOR.**

0800 70 98 100

www.totvs.com



SUNSET